

Revide Ancienne

— Nº 01 • ANO 01 • JULHO DE 2019

EXEMPLAR DE LANÇAMENTO R\$ 25,00



ALIMENTAÇÃO

Manter bons hábitos na hora de comer é fundamental

BEM-ESTAR

Especialistas dão dicas sobre como retardar o envelhecimento

EDUCAÇÃO

Conheça histórias de quem decidiu voltar a estudar na vida adulta



Melhem Adas
Geógrafo e escritor

DE BEM COM O TEMPO

Melhem Adas diz não ter segredo para envelhecer bem, mas garante: a sensibilidade diante da vida traz sabedoria

PROFESSOR POR VOCAÇÃO,
GEÓGRAFO E ESCRITOR
RECONHECIDO, MELHEM ADAS
REMEMORA OS 80 ANOS E
COMPARTILHA SUA TRAJETÓRIA
FAZENDO JUS AO SIGNIFICADO
DO PRÓPRIO NOME



Melhem aos 20 anos, em São Paulo

A DOCE *Vida*

Texto: **Silvia Pereira**

O geógrafo Melhem Adas herdou seu primeiro nome do avô paterno, um libanês casado com uma brasileira descendente de índios e portugueses. Foi esta avó, Maria Pureza do Amaral, quem lhe explicou que, no Líbano, seu nome pronunciava-se “Merrem” e significa “algo adocicado”

De fato, tudo em Melhem é doce. A começar pela voz com que narra, em um português corretíssimo, a história de 80 anos

de vida e 49 de magistério — sua grande vocação. Essa trajetória rendeu 32 livros de geografia, amplo reconhecimento de seus pares e dezenas de afetos bem correspondidos.

Sua biografia começa em São Paulo, por acaso. A mãe, Lourdes, estava de visita à casa dos pais libaneses, na capital, quando começou a sentir as dores do parto. Melhem nasceu em uma maternidade da Rua Frei Caneca, na Capital, em 16 de dezembro de 1938, mas voltou com a mãe para Cedral, onde passou a infância.

Próxima de São José do Rio Preto, a cidadezinha contava pouco mais de 6 mil habitantes à época. “Hoje não é muito maior”, emenda Melhem. Sua família vivia dos lucros da Casa São Pedro, loja de secos e molhados do pai, que vendia “de um



Com a mulher, Alice, com quem Melhem tem quatro filhos

tudo”: de casimira inglesa, chapéu Prada, botão, linha, tricolore e chita a cristais da Tchecoslováquia, cama, colchão, extrato de tomate e açúcar, entre muitos outros artigos. “Eu brincava há até pouco tempo, com meus irmãos, que nosso pai tinha um supermercado daquela época”, caçoa.

Melhem conta que teve com os irmãos — William, dois anos mais velho, e Eduardo, oito mais novo — uma infância feliz, com direito a jogos de pião, de futebol de botão e em campinho de terra. Empinava papagaio, imitava as séries que passavam no Cine Polytheama, aos domingos, e disputava com os amigos quem conseguia chupar mais mangas trepados em mangueiras vizinhas.

Quando chegou a época do ginásio (correspondente hoje às

“

EM 1951, MELHEM, AOS 13 ANOS, FOI ENVIADO SOZINHO PARA A CASA DOS AVÓS, EM SÃO PAULO, PARA CURSAR AS 7ª E 8ª SÉRIES GINASIAIS DO INSTITUTO FERNÃO DIAS PAES

últimas séries do Ensino Fundamental), o pai matriculou Melhem e William no Colégio São José, da vizinha Engenheiro Schmitt — Cedral só tinha o ensino primário. Acordavam às 5h30 da manhã para pegar o trem que os levava até lá. “Era um luxo. Lembro de minha mãe orientar a nunca abrir a janela, pois a Maria Fumaça soltava uns carvãozinhos incandescentes que podiam queimar nossas camisas”, conta.

Melhem gostava de ajudar o pai na loja, especialmente de arrumar os sabonetes nas prateleiras. Lembra que os sábados eram os dias de maior movimento, pois vinham os colonos das fazendas fazer compras na cidade. “Nós tínhamos um quintal grande, onde meu pai permitia que o pessoal amarrasse os cavalos. Minha mãe dizia: ‘coleta o cocô pra fazer de esterco no jardim’. Eu coletava. Aí pegava bicho de pé, porque andava descalço, né?”, conta, sem pudores e orgulhoso daquela infância livre. “Nem meus filhos nem meus netos tiveram uma infância assim”, lamenta.



Com o irmão, William, aos quatro anos, em 1942



MELHEM SUBSTITUIU O SONHO DA MEDICINA POR OUTRO: EM 1957, FOI CONVOCADO PELO IRMÃO WILLIAM PARA DAR AULAS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA EM UM CURSINHO

DESBRAVANDO A CAPITAL

O idílio durou até o pai adoecer de tuberculose cavernosa nos dois pulmões e ser internado para se tratar em Campos do Jordão. Começava, naquele 1951, a lembrança mais marcante e dolorosa de Melhem, então com 13 anos. Ele foi enviado sozinho para a casa dos avós, em São Paulo, para cursar as 7ª e 8ª séries ginasiais no Instituto Fernão Dias Paes. William já havia concluído o ginásio e Eduardo nem estava em idade escolar, por isso ficaram com a mãe em Cedral, até ela conseguir vender a loja da família.

“Você imagina um menino que nunca saiu de uma cidadezinha chegando a São Paulo, que à época já tinha uns 3 milhões de habitantes. Era assustador”, narra Melhinho — como a mãe o chamava à época. “E eu me vi separado de meus pais, sem saber se meu pai sobreviveria. Por maior que fosse o carinho dos avós e tios, a saudade era grande. E eu ouvia as conversas dos adultos dizendo que o caso de meu pai era gravíssimo”, lembra.

A separação durou um ano, durante o qual Melhem estudou à noite e aprendeu a conhecer São Paulo trabalhando de dia como office-boy. Aos poucos, também foi descobrindo alguns prazeres na Capital, como os concertos matinais que passou a frequentar no Theatro Municipal e na Praça Ramos de Azevedo. Uma tia, que era chefe das costureiras do teatro, ainda lhe dava ingressos para assistir a temporadas líricas — até hoje ele ama

música clássica e ópera. “Não perco concertos aqui no Theatro Pedro II [em Ribeirão Preto]”, comenta. É com doçura, também, que Melhem descreve o reencontro emocionante com a família, seu “porto seguro”. Instalaram-se em um predinho do avô na praça Omaguás, em Pinheiros. O pai se recuperou e, também, foi encontrar a família lá — morreria só em 1974, de pericardite resultante de lúpus sistêmico; já a mãe viveu até 2006, vindo a falecer com 92 anos, quando Melhem contava 67. “Eu tive o privilégio de já ser idoso e ter mãe viva”, comenta.

Concluído o ginásio, o já adolescente Melhem foi cursar o Científico (correspondente ao Ensino Médio de hoje) no tradicional Colégio São Luís, de padres jesuítas, na Avenida Paulista. Conseguiu pagar o curso noturno, que um dos padres teve a ideia de abrir com mensalidade mais baixa para atender a estudantes de menor renda. Melhem estudou à noite e trabalhou de dia por toda a adolescência. Até encontrar a verdadeira vocação, foi representante comercial de medicamentos — na época chamavam de propagandista médico —, promotor de vendas de leites para a Nestlé e vendedor da Olivetti.

UM SONHO POR OUTRO

Aos 15 anos, nasceu em Melhem o sonho de se tornar médico. Foi após ler “Minha Vida e Minhas Ideias”, de Albert Schweitzer, um austríaco organicista e pastor da igreja luterana, que, aos 40 anos, fez Medicina com o propósito de abrir um hospital no Congo (África). Queria atender os desvalidos. “Aquilo me tocou fundo. Pensei: vou ser médico e ir pra Amazônia cuidar daquele pessoal desamparado”, pensou.

Chegou a batalhar por esse sonho. Como não tinha condições de fazer cursinho, ia à noite estudar com um amigo que o fazia. Já tinha uns 17 anos, porém, quando lhe veio o que chama “senso de realidade”: baseado nas provas do cursinho que o amigo lhe passava para resolver, concluiu que não tinha condições de disputar uma vaga no concorrido vestibular de Medicina.

Mas Melhem não demoraria a substituir um sonho por outro. Em 1957, enquanto prestava o serviço militar obrigatório, seu



Melhem (à frente, à direita), no batizado do irmão mais novo, Eduardo (no colo da madrinha)



Melhem com a mulher, rodeado pelos filhos: No sentido horário, Anita, Pedro, Sérgio, e Patricia com seus respectivos cônjuges

irmão, William, professor nato de matemática, criou um curso para ajudar candidatos à admissão no ginásio (naquela época era necessário). Em seguida, veio a ideia de abrir um preparatório para as faculdades de Economia e Administração, com aulas aos sábados e domingos. Como não tinha quem lecionasse História e Geografia, William convocou Melhem, que era craque nessas disciplinas. “Sempre me destaquei nas humanidades”, lembra.

Descobriu, assim, sua vocação. “Vi que na condição de professor eu ainda poderia atender aquele meu ímpeto de ajudar o outro. Não é interessante? Aí eu dava aula e vibrava. Meu encantamento foi reencontrado à medida que eu vi que o papel do educador se prestava, sobejamente, a ajudar o próximo”, descreve.

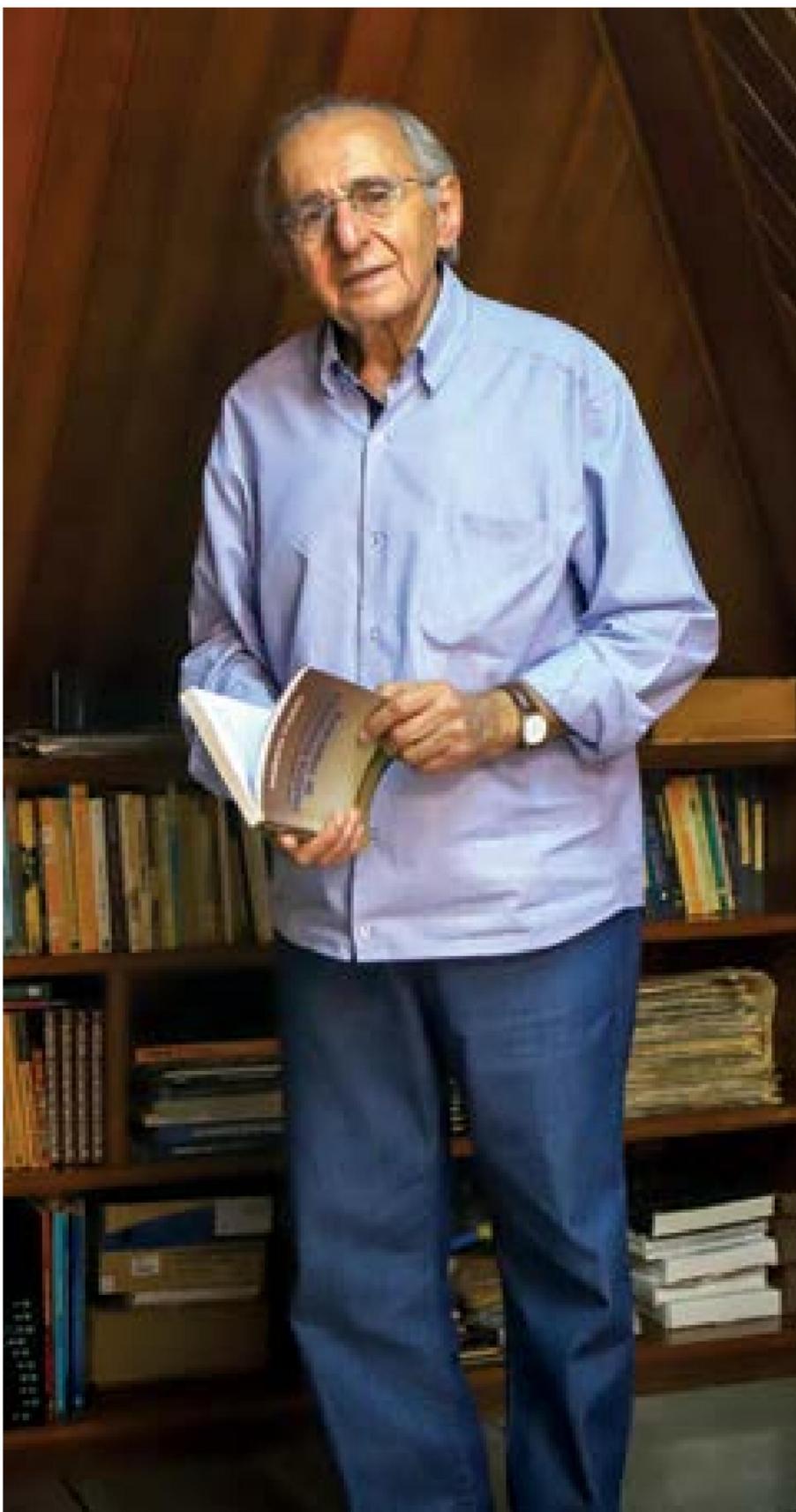
Em 1960, Melhem entrou na faculdade de Economia da Universidade Católica de São Paulo, mas cursou só até o terceiro ano. Foi quando soube que a Pontifícia Universidade Católica (PUC) havia aberto um curso vespertino de Geografia e teve uma iluminação. “É para mim!”, pensou. Deixou o emprego de vendedor na Olivetti, aceitou dar aulas nos períodos da manhã e da noite e trocou de faculdade em 1964, já casado e esperando a primeira filha com Alice.

AMOR E GRATIDÃO

Foi só por volta dos 19 anos que Melhem teve coragem de abordar uma certa mocinha com quem trocava olhares em Pinheiros desde os 15. Num domingo, ao sair do Cine Ritz [atual Belas Artes], ele a viu deixar um prédio. Foi falar com ela e marcaram um encontro em Pinheiros, na Rua Lacerda Franco com a Teodoro Sampaio. Lembra-se, claramente, que seria na quinta seguinte, Dia do Professor, 15 de outubro, quando não haveria aulas. “Só que ela me fez esperar. Não aparecia. Alice me conta hoje que titubeava porque tinha planos de sair do Brasil. Até que a mãe dela falou: ‘mas você vai encontrar com esse moço pelo bairro. Vocês sempre se cruzam’. Então, ela foi. Conversamos e iniciou-se nossa vida. Casamos em 1963, na capela do Colégio São Luís, onde eram permitidos casamentos só de ex-alunos, e já estamos há 56 anos juntos”, celebra. O casal tem quatro filhos — Anita, atualmente com 54, Pedro, com 52, Patrícia, 50, e Sergio, 49 — e sete netos.



**FOI EM RIBEIRÃO PRETO QUE MELHEM
DECIDIU ENVELHECER JUNTO AOS
FILHOS E NETOS. HOJE, DIVIDE O
ESCRITÓRIO COM O HERDEIRO MAIS
NOVO, O TAMBÉM PROFESSOR SÉRGIO**



O PRIMEIRO LIVRO

Melhem ainda estava em São Paulo quando seu primeiro livro “aconteceu”. Seu colega de trabalho no Anglo Latino, o professor de Química Ricardo Feltre, abria uma editora para publicar suas apostilas. Ele fez o convite a Melhem, que pensou alguns dias e chegou à conclusão de que não publicaria as apostilas, mas escreveria um livro novinho em folha, que fugiria ao padrão de todas as obras de geografia existentes até então.

“Eu queria uma geografia com caráter profundamente de Humanas. Não me conformava com aquela geografia descritiva. O convívio com colegas de outras áreas foi muito importante para me levar ao estudo da Sociologia, da História, da Filosofia. Usei todos esses conhecimentos para renovar o ensino da disciplina e foi o que eu fiz”, conta o autor.

Nasceu, assim, “Estudos de Geografia”, que questionava o espaço, mostrando que ele não é de todos e sim de alguns e, na verdade, é uma mercadoria de compra e venda. “Mostrava a segregação sócio espacial que existe realmente em toda cidade capitalista”, diz Melhem.

Ele conseguiu desenvolver uma geografia crítica neste e em todos os livros seguintes, mesmo durante o regime militar. Diz que deve esse prodígio ao editor Sergio Couto, da Editora Moderna. Ainda assim, teve alguns problemas. “O jornal da Bahia, por exemplo, fez uma matéria dizendo que meu livro, que dizia que o espaço não é de todos, mas de alguns, era marxista”. Naquele período, por muito menos pessoas eram presas pela máquina repressora da ditadura.

RIBEIRÃO PRETO

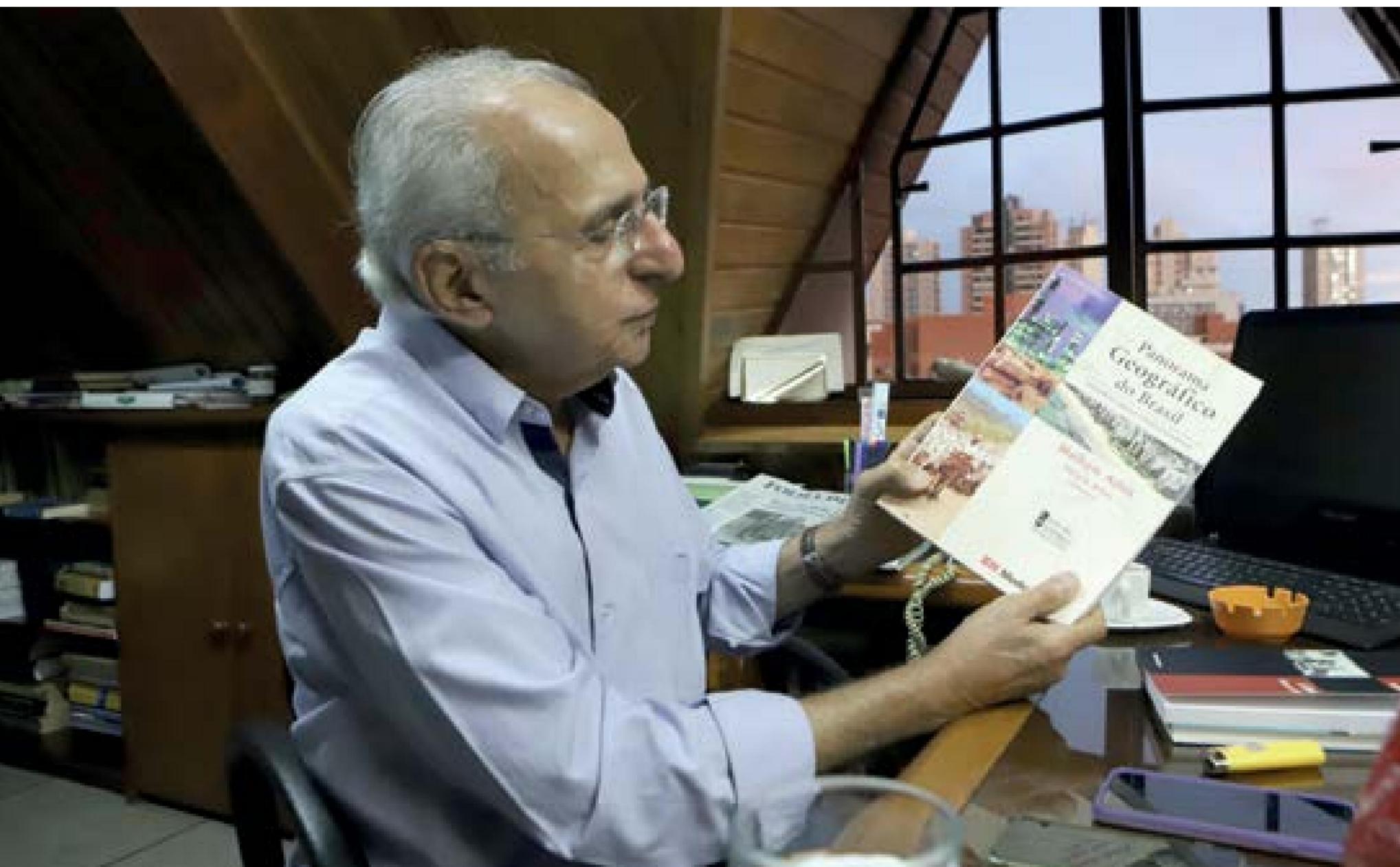
Até o final da década de 1960, Melhem viveu de dar aulas em São Paulo, principalmente em cursinhos como Objetivo, Cape e Anglo Latino, e nos colégios São Tomás de Aquino e Brasil Europa.

Em 1969, foi contatado por um emissário da Faculdade Barão de Mauá, que estava sendo inaugurada em Ribeirão Preto. “O Maurício Tratenberg arregimentou vários de nós pra vir a Ribeirão dar aulas dois dias na semana e voltar”, conta. Melhem topou e não demorou a receber um convite para mudar-se para a cidade com a família em definitivo. “Eu vi que as condições eram favoráveis. Já tinha três filhos. O Sergio só que nasceu aqui. Trouxe minha esposa para conhecer Ribeirão e ela concordou em vir”, conta.

A Rua Marcondes Salgado ainda guarda a primeira casinha simples em que a família morou, no número 1020. Em 1975, mu-

daram-se para a casa que Melhem conseguiu construir no então isolado bairro da Ribeirânia, com financiamento da Caixa Econômica Federal. “Na minha rua, não existia asfalto nem energia elétrica. Eu formei o jardim da frente. Não podia fazer muro. Fiz o gramado e de repente as vacas vinham comê-lo (risos). Graças a Deus, Ribeirão nos acolheu muito bem. Fiz grandes amigos aqui”, comemora.

E foi em Ribeirão Preto que Melhem escolheu envelhecer e ver crescerem os filhos e netos. Além do Barão de Mauá, deu aulas no antigo COC e, quando não tinha mais energia para lecionar, continuou a escrever. Hoje, divide o escritório que construiu no início da década de 1990, numa das esquinas das ruas São José com Quintino Bocaiúva, com o filho mais novo, o também professor e filósofo Sergio Adas. Foi lá que Melhem recebeu a Ancienne com toda a doçura que seu nome inspira.



ENTREVISTA



Melhem conversa com a jornalista Silvia Pereira

O que é ensinar para você?

Como dizia Paulo Freire (hoje a gente está meio que proibido de falar em Paulo Freire, né? Que absurdo!), a educação é um ato de amor, porque envolve doação e envolve relação humana muito próxima, de afetividade, de respeito. Mas ele dizia, também, que, além de ser um ato de amor, a educação é um ato político. Por que político? Porque o próprio ato de viver é um ato político. A maneira como me relaciono com minha família exige uma postura política. A maneira como me relaciono na comunidade, na escola, exige uma postura política. Então, eu procurava entender que a educação não é só instruir, não é só passar conteúdo em um livro. Além de instruir, a educação é verdadeiramente ter um compromisso de desenvolver atitudes sociais: a solidariedade, a ética, o respeito à diferença, ao meio ambiente e por aí afora. Então, eu utilizo a disciplina como um meio de atingir um fim maior, que é criar a cidadania, entendeu? O conteúdo é um meio e um fim em si mesmo. O papel do professor tem de ser um papel ético, exemplar. É uma tarefa muito séria.

O que tentava ensinar por meio da geografia?

Eu tentava mostrar, e dizia isso em minhas aulas, que o urbano é a expressão mais visível das desigualdades sociais. Se você sobrevoar Ribeirão Preto, vai ver a segregação espacial: o bairro do rico, o da classe média, dos pobres e desamparados... Essa análise espacial das realizações humanas, quando ao mesmo tempo o ser humano é capaz de criar grandes obras de arte, mas também de fabricar a miséria, que pode ser erradicada com a vontade do próprio ser humano.

Em que momento o senhor sentiu a passagem do tempo, que não era mais jovem. Teve um sinal ou um acontecimento?

Teve uma doença. Com 55 anos, eu tive um infarto. Relativamente jovem. Foi uma correria. Era um domingo à noite. Minha esposa me levou para o [Hospital] São Francisco. Aí eu senti a fragilidade da vida. E aí vem uma série de coisas enquanto você está se recuperando. Fica uma insegurança muito grande no ato de viver com essa percepção de finitude. Voltei ao meu trabalho.



A SABEDORIA É UMA SENSIBILIDADE QUE O SER TEM DIANTE DA VIDA COM O TEMPO. É O GANHO DO TEMPO

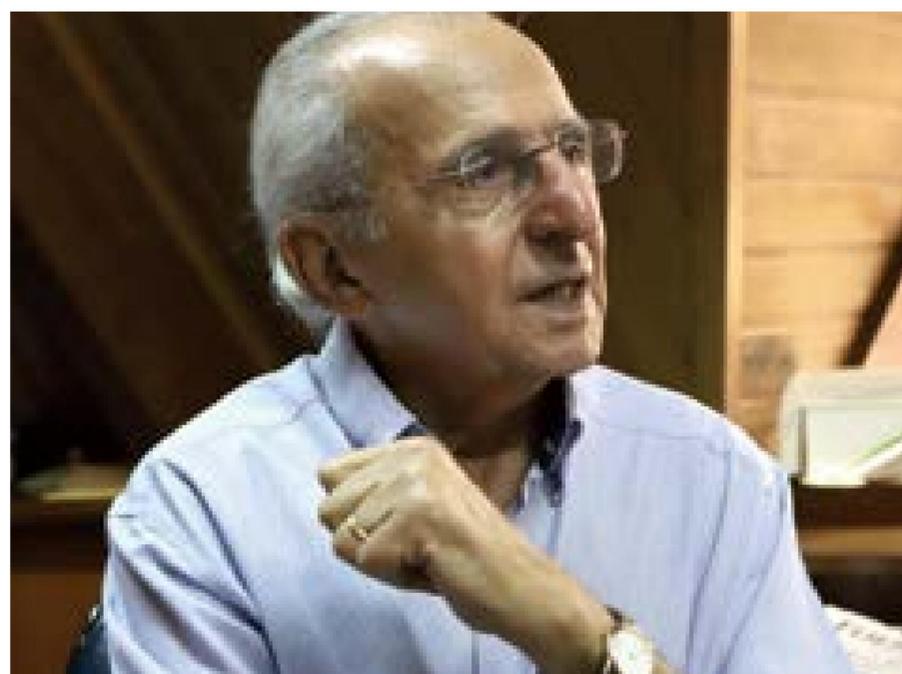
Quando eu ficava sozinho aqui — meu filho ainda não estava comigo — trabalhava na insegurança: e se me acontecer alguma coisa? Mas aí a gente vai se reeducando, né? Com 65 anos eu tive de ser operado pela segunda vez. As safenas estavam todas comprometidas. Hoje estou com 80. Entendo que o envelhecimento é um processo biológico a que todos os seres vivos estão sujeitos e percebo, também, que tem um impacto psicológico muito grande. Para uns mais, para outros menos. Você vê suas forças diminuírem, sua vitalidade diminuir e, principalmente, a relação com o tempo se modifica. E a gente acaba sentindo, no convívio com a comunidade, com a sociedade, que da mesma forma que existe preconceito com isso e aquilo, existe preconceito em relação ao idoso, que se torna imprestável.

Tem algum exemplo disso para citar?

No cotidiano. Você vai, por exemplo, numa loja. Geralmente são funcionários jovens. Não te atendem muitas vezes. Veem com um certo olhar preconceituoso. Existe isso, sim. Outro dia estava dirigindo e cometi um erro. Não resta dúvida. O indivíduo falou: 'seu velho babaca'. Vou brigar com ele porque me xingou de velho? Primeiro: sou velho, mas não sou babaca. Ainda não sou (risos). Então, existem esses constrangimentos. Outro dia brinquei com uma funcionária que não me dava atenção num banco: 'se fosse um moço bonito você me dava atenção, né?'.

O que de bom a maturidade lhe trouxe?

A experiência vivida. A sabedoria que vem com ela e a possibili-



dade de aconselhar os mais jovens. Eu faço uma diferença muito grande... Meu pai não teve escolaridade. Fez até o quarto ano do que se chamava Grupo Escolar, mas escrevia divinamente. Lindo! Eu tenho o diário dele. Ele registrava o namoro com minha mãe numa letra linda. Parecia tipografia. Para mim, foi um sábio. Não precisou ir à escola. Porque existe a escola e a sabedoria. Nem toda a escolaridade me dá a sabedoria. A sabedoria é uma sensibilidade que o ser tem diante da vida e com o tempo. É o ganho do tempo.

E de ruim?

As limitações em todos os sentidos. Físicas, entre elas de força. Você perde, né? São limitações inerentes à idade a que todo o ser humano está sujeito. O envelhecimento é um processo biológico que você tem que aceitar. Não existe um elixir da juventude. Você pode ter uma vida mais regrada e preservar algumas condições de saúde física e mental.



ÀS VEZES ME SURPREENDO DE TER CHEGADO AOS 80 ANOS COM AUTONOMIA

E como o senhor lida com as perdas? Demora para processar?

Não. Perdi meus pais, perdi meu irmão. É doloroso, entretanto nem quero imaginar perder um filho. Eu quero ir embora antes. Quando eu vi minha avó debruçada sobre o corpo morto de meu pai, entendi a dor de uma mãe e de um pai... Então, se eu tiver que ir embora, quero ir antes. Deus me livre! Não sei te responder. Perder um pai e uma mãe é da natureza. A morte de um idoso não é uma tragédia. É o curso normal da vida.

O que deixou de fazer por conta da idade?

Meu filho vai fazer uma linda viagem agora, junto com outro filho. Eles vão para a Patagônia de caminhonete, em um comboio, que terá mecânico e eles se comunicarão por meio de rádio. Ele me chama: 'vamos pai, vamos. Por que não?'. Tenho insegurança. Eu sempre pensava nessa viagem quando era mais jovem. Sai de Foz do Iguaçu, vai por Rosário, norte da Argentina... Queria ter feito e não fiz por questões de tempo e financeiras. E não passei bem recentemente, reforçando minha insegurança.

Qual a receita para envelhecer tão lúcido?

Não sei lhe falar. Fui tocando a vida e muitas vezes me surpreendo de ter chegado aos 80 anos com essa possibilidade de autonomia. Saio da minha casa dirigindo meu carro, chego aqui, olho e falo: 'muito obrigado, Senhor, por poder fazer isso'. Não sei como cheguei até aqui. Eu brinco que o carburador — chamo o coração de carburador — teve seus trancos e barrancos, complicou algumas vezes. Agora estou com injeção eletrônica — coloquei um marca-passo em novembro. Estou moderno! (risos)

Algum arrependimento?

Não. Apenas lamento que meus pais, que passaram por tantas dificuldades, não estavam mais aqui quando podia ajudá-los. Se bem que minha mãe viveu até os 92 anos. Eu tive o privilégio de já ser idoso e ter mãe viva. Ela faleceu em 2006, quando eu tinha 67 anos. Era lúcida e perfeita. Muito prezada. Pintava quadros a óleo, fazia muitas flores artificiais no modo antigo — modelava o tecido com ferro quente — e era uma cozinheira fantástica. ■